

A DANÇA NAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA: MOTIVOS DE INSERÇÃO E PERMANÊNCIA

Ana Carolina Marques da Silva¹ Adriana de Faria Gehres² Iraquitan de Oliveira Caminha³

Resumo: O presente estudo objetivou identificar os motivos de inserção e permanência de diferentes tipos de dança, nomeadamente o ballet, jazz, dança de salão, dança do ventre e a dança esportiva, em academias de médio a grande porte situadas em Recife-PE. Apoiamos-nos na abordagem qualitativa do tipo fenomenológica hermenêutica. Utilizou-se como instrumento a entrevista semi-estruturada. Os espaços selecionados atenderam a pelo menos dois dos seguintes critérios: academias de médio a grande porte, com mais de uma unidade física e maior popularidade nas redes sociais. Foram selecionadas 4 academias e 5 coordenadores responsáveis participaram das entrevistas. As narrativas foram interpretadas através de análises ideográficas e nomotéticas à luz da fenomenologia hermenêutica. Apresentamos na pesquisa questões referentes ao histórico, perfil e conceito das academias, a fim de identificar como estas academias se configuravam atualmente, além dos motivos de inserção e permanência da dança nos espaços das academias. Como conclusão apontamos os riscos de se reduzir a dança nas academias a um produto de consumo destinado às experiências autoeróticas de satisfação individualista, excluindo a possibilidade de considerar a dança como manifestação sociocultural do corpo que se expressa de maneira livre e criativa visando se relacionar com o outro.

Palavras-chave: academias de ginástica; Dança; Educação Física.

¹ Universidade de Pernambuco (UPE); ² Universidade de Pernambuco (UPE); ³ Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

DANCE IN THE GYM ACADEMIES: REASONS FOR INSERTION AND STAYING

Abstract: The present study aims to identify the reasons for the insertion and permanence of different types of dance, especially ballet, jazz, ballroom dancing, belly dancing and sports dancing, inserted in medium to large gyms located in Recife-PE. We rely on the qualitative approach of the hermeneutic phenomenological type. The instrument used was the semi-structured interview. The selected spaces met at least two of the following criteria: medium to large gyms, with more than one physical unit and greater popularity on social networks. Four academies and five coordinators responsible were selected for the interviews. The narratives were interpreted through ideographic and nomothetic analyzes in the light of phenomenology and hermeneutics. We present in the research questions related to the history, profile and concept of gyms, in order to identify how these gyms are currently configured, in addition to the reasons for the insertion and permanence of dance in the spaces of the gyms. As a conclusion, we point out the risks of reducing dance in gyms to a consumer product intended for self-erotic experiences of individualistic satisfaction, excluding the possibility of considering a dance as a socio-cultural manifestation of the body that shows the free and creative way that it can report to another.

Key words: Fitness clubs; Dance; Physical Education.

Introdução

As academias de ginástica, no Brasil, conquistaram e continuam em crescente expansão no mercado como espaços que possibilitam a prática de atividades físicas e exercícios sistematizados, alcançando parte dos 28,5% da população brasileira que são praticantes de algum tipo de atividade física, segundo pesquisa realizada pelo Ministério do Esporte¹.

Nos últimos anos, houve uma expansão no mercado de espaços para prática de exercícios físicos e o conseqüente aumento da indústria de academias de ginástica^{2,3}, passando de quase 15 mil academias em 2010, para mais de 30 mil em 2014, segundo a Associação Brasileira de Academias⁴.

Muitos são os motivos para esta ascensão nas últimas décadas, desde a identificação de que nas sociedades contemporâneas o corpo apresenta-se como *locus* para a realização, satisfação, prazer pessoal e idealização de um “padrão de beleza” em vigor que repercute, sobretudo, nos canais midiáticos, até a busca pelo aumento da expectativa de vida associada às concepções de saúde^{2,3}.

Por conta desta demanda social, que se manifesta, cada vez mais, com um caráter de urgência, as atuais configurações das academias, sobretudo as de médio e grande porte, apresentam uma diversidade de produtos pautada na ideia de que as práticas corporais ali apresentadas estão intimamente associadas às perspectivas mercadológicas. E toda a lógica organizacional do espaço se origina na percepção de que os serviços oferecidos precisam responder à alta rotatividade do mercado, que exige uma constante renovação do produto a ser consumido⁵.

Diante disto, observa-se que modalidades de dança que antes eram predominantes em espaços próprios para o seu ensino, como as escolas de ballet, dança do ventre ou estúdios de dança de salão, vêm sendo inseridas nas academias como possibilidade de prática, porém não existem estudos que reflitam especificamente sobre a materialização destas danças nestes espaços^{6,5}.

Ainda que a predominância dos estudos no âmbito da relação Dança e Educação Física seja estabelecida no campo escolar^{7,8}, acreditamos que ela também se constitui e precisa ser analisada em outros campos de atuação, nomeadamente nas academias de ginástica, considerando que a dança é uma representação social, cultural e histórica do ser humano, que expressa cotidianamente necessidades, interesses e acompanha transformações sociais durante décadas^{9,10, 11, 12}.

A inserção de aulas de dança nas academias de ginástica tem sido relacionada a um contexto que se desenvolveu, do ponto de vista histórico, com o ecletismo de atividades em um mesmo local de prática, visando aspectos socioeconômicos, quando o serviço oferecido se volta para fortalecer o consumo e a acumulação de capital, possibilitando que as academias ampliem suas ofertas por meio da expansão e da lógica do mercado^{6,5}.

Portanto, a dança precisa ser avaliada com bases sólidas de investigação para que suas características multifacetárias não se esvaziem quando inserida nas academias de ginástica, pois há uma relação de efemeridade nestes espaços que pode ou não enfraquecer a busca pela compreensão da dança como fenômeno polissêmico carregado de múltiplos significados.

Considerando isto, a presente pesquisa objetivou identificar quais os motivos de inserção e permanência de diferentes tipos de dança em academias de médio e grande porte situadas em Recife-PE, a fim de facilitar o entendimento dos sentidos e significados apontados para a dança em espaços de prática situados no âmbito da Educação Física.

Materiais e Métodos

A presente pesquisa caracteriza-se pela abordagem qualitativa do tipo Fenomenológica Hermenêutica¹³. Esta escolha permitiu debruçarmo-nos na compreensão destes universos a partir do humano em seu cotidiano vivencial por meio da descrição do fenômeno descrito por quem o está experienciado, vivenciando, sentindo¹⁴.

O lócus e os participantes

Inicialmente, identificou-se as academias que oferecem em suas acomodações uma ou mais aulas de dança, diferentemente daquelas modalidades de dança frequentemente presentes nas academias, ou aquelas que instrumentalizam a dança como ginástica (aulas de ritmos, fit dance, zumba, entre outras).

O processo de seleção das instituições estabeleceu-se pelo atendimento de ao menos dois dos critérios: academias de médio a grande porte e/ou mais de uma unidade física e/ou maior popularidade nas redes sociais, assim como pelo reconhecimento das academias que possuíssem uma maior diversificação de aulas de dança, na espera que diferentes perspectivas enriquecessem as discussões propostas pelo estudo. Nisto, 4 academias foram selecionadas, sendo duas na zona norte e duas na zona sul de Recife-PE.

Determinados os locais da investigação, os participantes selecionados para a pesquisa corresponderam àqueles que pudessem contribuir diretamente na interpretação do fenômeno investigado na pesquisa. Nisto, foram selecionados os seguintes coordenadores e coordenadoras

responsáveis pelas academias ou pelos setores que envolvem a dança nos espaços:

a) Coordenador 1 (C1): Masculino. 36 anos. Licenciatura Plena em Educação Física. Sócio-Proprietário e coordenador geral de uma unidade na zona norte.

b) Coordenadora 2 (C2): Feminino. 41 anos. Licenciatura Plena em Educação Física. Coordenadora do setor de Ginástica.

c) Coordenador 3 (C3): Masculino. 49 anos. Licenciatura Plena em Educação Física. Coordenador Geral.

d) Coordenadora 4 (C4): Feminino. 29 anos. Licenciatura Plena em Educação Física. Professora de ginástica e coordenadora do setor de ginástica fitness de uma unidade na zona norte.

e) Coordenadora 5 (C5): Feminino. 38 anos. Licenciatura Plena em Educação Física. Coordenadora geral de uma unidade na zona sul.

Instrumentos utilizados

Utilizou-se como instrumento a entrevista semi-estruturada. Todas as entrevistas ocorreram presencialmente. Elas foram gravadas em suporte de áudio e transcritas respeitando a fala originária concedida pelos/pelas participantes. A elaboração das questões se adequou a interrogativa proposta como foco da pesquisa para alcance da descrição das vivências da maneira mais vivida possível. Nas entrevistas em profundidade, buscou-se a qualidade dos depoimentos que nos levassem à compreensão do fenômeno, não somente pela descrição das falas, mas com o exercício interpretativo das mesmas.

A análise dos dados ocorreu à luz da análise Fenomenológica Hermenêutica proposta por Bicudo^{15,14}, considerando os seguintes passos foram percorridos:

- a) Suspensão de qualquer crença, ideologia, concepção, teoria ou conhecimento prévio sobre o estudado, ao colocar entre parênteses os preconceitos experienciados e vivenciados como consequência de um entendimento pré-reflexivo;
- b) Leitura e análise das descrições apresentadas como relatos das experiências vividas, com a realização de leituras atentas e sucessivas dos depoimentos, quantas vezes achássemos necessário, com a finalidade de compreender o que estava sendo dito pelo sujeito, abrindo-se, empaticamente, à possibilidade de imaginar o ponto de visada do qual o depoente fala, intuindo o sentido do todo;
- c) Identificação das Unidades de Sentido, imbuídas na narrativa transcrita, onde colocou-se em evidência palavras e trechos que possuíam sentidos considerados

pelo pesquisador como importantes, tendo como norte a interrogação diretriz do estudo;

- d) Elaboração das Unidades de Significados ao reunir os sentidos encontrados nas falas ingenuamente com articulações entre as frases que se relacionavam uma com a outra, mesmo que não prontas no texto, mas articuladas pelo pesquisador.
- e) Por fim, análise hermenêutica em busca da compreensão dos sentidos e significados afirmados nas unidades de sentido e significado, considerando a narrativa direta, o contexto destas narrativas e a polissemia das palavras contidas nos textos.

NARRATIVA 02 – PARTICIPANTE: Coordenador 1 (C1) – ACADEMIA 01 (AC1)			
N 2 – AC1/C1	Sobre como se organizam		
Unidades de sentido	Unidades de Significado	Enxerto Hermenêutico	Asserções articuladas
<p>Nessa unidade aqui, que é a unidade menor das três, ela é separada: os setores de musculação, treino funcional, setor de inteligência motora (ginástica), alimentação, relaxamento e bike. Essa é pequena e não tem muitos setores. Mas nas outras unidades existe o Pilates, o setor de dermatofuncional, fisioterapia, na unidade de Boa Viagem tem o consultório... elas são bem mais amplas. Todas elas têm a tríade do exercício, do relaxamento e da alimentação saudável. São três unidades, externas e uma corporativa que é uma prestação de serviços que a gente faz para a Celpe. O estrutural acaba seguindo um padrão de academia, porque assim, a gente não tem tanta diferenciação aos outros espaços, as outras academias são até muito maiores que as nossas, mas assim, por questão de layout e estrutura, elas são bem básicas de arquitetura mesmo. Elas são bem estruturadas de salas diferentes, pois assim, a gente não consegue</p>	<p>1. (A academia) possui setores de musculação, treino funcional, inteligência motora (ginástica), bike, alimentação e relaxamento. Em outras unidades pode-se encontrar também o pilates, o setor dermatofuncional e consultório de fisioterapia, por serem mais amplas. Todas elas têm a tríade do exercício, do relaxamento e da alimentação saudável.</p> <p>2. São três unidades externas e uma corporativa que é uma prestação de serviços realizada para a Celpe.</p> <p>3. Com relação a estrutura física, a academia segue o padrão das demais academias. Não existe diferenciação desta para outros espaços e acabam sendo menores do que outras por conta do layout e estrutura serem básicos.</p> <p>4. São estruturadas pra possuírem salas diferentes, pois assim, não há aglomeração ou interação entre as</p>	<p>1) No trecho: “por serem mais amplas” o significado de ampla, embora polissêmico, se insere no sentido do espaço físico na narrativa. Logo, a AC1 é dividida em diversos setores que são distribuídos nas diferentes unidades de acordo com a amplitude do espaço físico existente em cada uma. Estes setores, por sua vez, são estabelecidos pelo conjunto de três pilares, que são: o exercício, o relaxamento e a alimentação saudável. O exercício, neste sentido, está posto como esporte, atividade física ou ginástica e não na realização, desempenho ou ato de se exercitar para atingir algo ou determinada tarefa fora deste contexto (das academias). Compreendemos que o Relaxamento faz parte desta tríade, apoiados no dicionário, como momentos de descanso, distração, repouso, frouxidão, nisto a associamos - para além da possibilidade destes momentos se relacionarem a os de exercício físico - àquelas atividades, ditas pelo C1, que fazem parte dos seguintes setores: fisioterapia, dermatofuncional, massagens terapêuticas. O conjunto destes exemplifica modos de considerar a indissociação entre o corpo e a mente ou, pelo menos, a busca por uma integralidade que transcende perspectivas tidas como tradicionais nas academias.</p> <p>2) No dicionário, “Unidades” pode significar dizer de algo que é único, de não ser dividido, mas também concordância, homogeneidade, igualdade, uniformidade. Nesta lógica, quando o C1 fala sobre a existência de 3 unidades externas, está significando dizer que a AC1 se distribuem em 3 locais diferentes, atuando harmonicamente e apresentando similitude.</p> <p>3) A narrativa afirma que, com relação a estrutura física da academia, a AC1 não propõe algo diferente do padrão geral das academias e que, inclusive, se consideram básicos. Por isto, não se diferencia pelo tamanho da área construída, ou pelo layout. Inferimos, nesta lógica, que não há interesse em diferenciar-se quanto ao espaço com relação a distribuição dos setores.</p> <p>4) Nesta narrativa, C1 enfatiza que os espaços e os setores foram organizados de maneira que cada local</p>	<p>A AC1 se distribui em 3 unidades de atuação similar e harmônica, possui diversos setores distribuídos nas diferentes unidades de acordo com a amplitude do espaço físico existente em cada uma. Estes setores são estabelecidos pelo conjunto de três pilares, que são: o exercício, o relaxamento e a alimentação saudável. O conjunto destes exemplifica modos de considerar a indissociação entre o corpo e a mente ou, pelo menos, a busca por uma integralidade que transcende perspectivas tidas como tradicionais nas academias. Com relação a estrutura física da academia, a AC1 não propõe algo diferente do padrão geral das academias. Por isto, não se diferencia pelo tamanho da área construída, ou pelo layout. Os setores foram organizados de maneira que cada local objetivasse a possibilidade de execução do serviço oferecido. Inferimos, nesta lógica, que não há interesse em diferenciar-se quanto ao espaço com relação a</p>

aglomerar ou interagir entre as salas de uma forma mais forte, pois elas são realmente separadas por setores por oferecerem serviços diferentes.	salas de uma forma mais forte. São realmente separadas por setores por oferecerem serviços diferentes.	objetivasse a possibilidade de execução do serviço oferecido. Por isto, não há a intenção de interação entre os setores e os serviços oferecidos. Isto indica que a AC1 considera que cada setor possui uma característica e objetivos específicos, a depender do que se oferece.	distribuição dos setores, assim como cada setor funciona separadamente, de acordo com suas especificidades.
--	---	---	---

Tabela 1 - Análise ideográfica realizada (narrativa 02)

Fonte: Elaborado pela autora com base na análise fenomenológica Hermenêutica proposta por Bicudo^{15,14}.

Todo esse trajeto compôs o primeiro procedimento de análise, denominado como Análise Ideográfica, ou seja, a busca por sentidos tomados individualmente, enredando-nos por meio das descrições ingênuas dos sujeitos, que revela a estrutura de sua narrativa¹⁴. Após compor a Análise Ideográfica, pôde ser realizada a Análise Nomotética que significou transcender o aspecto individual obtido anteriormente, indicando o movimento de reduções por meio do entrelace das compreensões permitidas pela análise ideográfica, atentando-nos para as convergências e divergências articuladas¹⁴.

Ao analisar as narrativas dos coordenadores as seguintes temáticas foram articuladas: 1) motivos de inserção da dança nas academias; 2) motivos de permanência da dança nas academias; 3) visão de dança da academia; 4) o que/como a dança na academia deveria ser 5) expectativa dos alunos na ótica dos profissionais responsáveis. Abaixo, segue tabela com o total de convergências identificadas:

Tabela 02 – total de confluências entre as narrativas dos coordenadores

Unidades de significado/ Temáticas	Confluências temáticas				
	1	2	3	4	5
Total	20	14	17	2	7

Fonte: Elaborado pela autora com base na análise fenomenológica Hermenêutica proposta por Bicudo^{15,14}.

Estas temáticas foram reduzidas a uma temática central, que correspondeu a resposta para a compreensão do fenômeno interrogado, o qual Bicudo¹⁴ denomina como categoria aberta. Categoria aberta, pois não define a estrutura do ser por categorias, mas revela a categoria articulada no processo de investigação diante das análises ideográfica e nomotética, abrindo-se ao trabalho hermenêutico, revelando possíveis horizontes de compreensão em movimento de vir a ser. Ou seja, as temáticas articuladas anteriormente, quando reunidas, permitiu-nos identificar a resposta para a interrogação central do estudo, a saber: motivos de inserção e permanência da dança nas academias.

Aspectos éticos

Os procedimentos adotados nesta pesquisa estão de acordo com o código de ética para pesquisas mediante a submissão ao Comitê de Ética da Universidade de Pernambuco (CAAE: 02681018.7.0000.5192) e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Resultados e discussão

Uma breve análise sobre as academias estudadas

Antes de responder às principais lacunas do estudo, fez-se importante identificar aspectos referentes à história, princípios e/ou o “conceito” das academias estudadas, através de uma análise ideográfica das falas apresentadas pelos coordenadores, a fim de estabelecer relações entre o perfil das academias e as justificativas para a inserção e permanência das aulas de dança.

Logo identificou-se que há sentido de quebra de “paradigma” na configuração das academias de ginástica com uma busca pela diversificação dos serviços oferecidos, que pode ser exemplificada pela análise da Academia 1 (AC1), a qual surge a partir do despertar para uma inquietação, desconforto e/ou dificuldade de aceitação das características e modos de organização predominantes nas academias existentes na época em que se discutia sobre a possibilidade de sua criação.

Ao referir-se sobre o modelo de academia predominante na época o C1 sugere que o que predominava eram àquelas em que ofereciam como possibilidade de prática a musculação e as aulas de ginástica como única opção, ambas num mesmo modelo de aulas para todos, desconsiderando suas individualidades e com foco em questões estéticas, em sua maioria.

O C1 é também sócio e proprietário desta academia, e narra sua própria inquietação e a de outros profissionais de Educação Física sobre o formato das academias que predominavam na época, sugerindo que as academias: “ofereciam apenas musculação e ginástica com o mesmo modelo de aulas para todos, sem diversificar os serviços oferecidos e o conceito.” (Coordenador 1).

Esta narrativa nos indica uma preocupação ou, para além, uma necessidade de criação de uma nova configuração das academias, em que os tradicionalismos presentes nas configurações anteriores sejam repensados e reformulados para atender às atuais necessidades apresentadas socialmente. Ademais, o C1 nos revela que:

“(…) O espaço se preocupa mais com seu conceito do que com a ideia de uma academia propriamente dita ao incluir diversos programas de

resultados (emagrecimento, performance, qualidade de vida)". (C1)

Inferimos que este conceito pode possuir relação com a superação da concepção de que a saúde se associa unicamente a ausência de doenças, mas transcende e assemelha-se às noções do bem-estar que não é só físico, mas mental, psíquico e social¹⁸.

Dando continuidade, a diversificação dos serviços oferecidos associa-se à valorização do setor de ginástica na Academia 2 (AC2), que se intitula um clube. Em dicionários online em Português, Clube significa uma sociedade de pessoas que se reúnem habitualmente em certo local, para recreação, jogos, atividades culturais, prática de esportes, etc. Também aparece como sinônimo de Grêmio ou Associação.

De acordo com a perspectiva da participante, a escolha pela denominação de Clube se assenta na proposta da academia em diversificar os setores e oferecer diferentes práticas corporais em seu espaço. Nisto, as atividades de ginástica e musculação são vistas apenas como um dos setores existentes, frente a vários outros que aparecem no local (Ex.: arborismo, escalada, rapel, tirolesa, ballet, judô, caratê, futebol society, livraria infantil e brinquedoteca, Spar, lanchonete etc.). No entanto, os setores que englobam a sala de musculação e as aulas de ginástica, dança, dentre outras atividades, neste caso, ainda são considerados como os setores de maior importância.

A narrativa a seguir explicita isto e nos sugere outras interpretações:

“Foi um projeto que foi feito por **** que é o diretor que tá (sic) na área há muito tempo, ele já foi coordenador de outras academias, ele procurou, pesquisou muito e viu da necessidade que realmente existia. Se você pegar a nossa grade de horários eu acho que em Recife não tem uma quantidade de aula de ginástica que a gente tem, porque são muitas salas. Às vezes as pessoas perguntam: “Mas só tem isso?”, mas é porque são quatro salas funcionando ao mesmo tempo e no mesmo horário (...) Eu fui coordenadora de uma academia logo que me formei que é na zona norte e o foco da academia é a ginástica e foi por isso que ele me chamou para ser coordenadora, por conta da minha experiência, por ser apaixonada pela ginástica desde os 16 anos. Na época eu gostava da ginástica localizada e aeróbica, eu sempre defendi a ginástica, principalmente para hoje, comercialmente falando, esvaziar um pouquinho a sala de musculação que é hoje o foco das academias, mas a gente sabe que a interação social ocorre de fato numa sala de ginástica, o grupo, a formação de grupos e de amizade é muito legal. Então, eu acho que o objetivo dele era esse, dar ênfase à ginástica na academia, por isso que foram feitas várias salas diferentes pra acontecer as modalidades.” (C2)

O setor de ginástica pode ser útil na perspectiva das academias, pois é uma proposta tida como essencial “comercialmente falando”, o que sugere que as intenções se voltam para aquilo

que pode ser comercial; dedicado ao comércio; que gera ou é passível de gerar lucros, no sentido de esvaziar o setor de musculação, migrando as pessoas para as aulas de ginástica que, segundo a C2, favorecem a interação social. Ao destacar o sentido de grupo atribuído às relações de amizade que se estabelecem no ambiente da sala de ginástica, a coordenadora sugere que esta característica não é o foco de outros setores, portanto, diferencia-se e torna-se importante por esta peculiaridade.

Dando continuidade, a academia 3 (AC3) também se denomina como um Clube justificando-se por oferecer diferentes modalidades distribuídas num único espaço. Estas modalidades estão associadas tanto a práticas corporais como a setores comerciais que atendam a propósitos relacionados à saúde, estética e beleza dos responsáveis pelo espaço. Destacamos que o surgimento da academia AC3 dá-se a partir do interesse de uma aluna de uma outra academia, atenta a uma demanda que surgiu, ter conseguido redirecionar os alunos e alunas para a sua nova proposta de academia. Seus interesses, segundo a experiência narrada pelo C3, sustentavam-se para além da necessidade de suprir a carência de um espaço para prática de atividade física, resultante do encerramento das atividades da outra academia, na possibilidade do negócio ser rentável comercialmente.

Ademais, algumas características deste espaço se assemelham às identificações anteriores, dentre eles, a proposta de superar padrões tradicionais das academias ao diversificar os setores. Isto indica que o coordenador acredita que para ser identificada como um espaço diferenciado das demais, este precisa oferecer setores variados. Além disto, o C3 informa que a denominação de Clube se deve também à socialização promovida no ambiente. Isto nos indica outra perspectiva referente ao conceito da academia, mais voltado para o sentido da socialização.

A AC4, por sua vez, apresenta-se com um conceito-formato que parece ser o modo como as academias de médio e grande porte de Recife-PE vêm se configurando. A AC4 faz-nos refletir sobre a propagação destes espaços, pois se distribui em 7 unidades físicas similares que atuam igualmente. E surge do investimento de pessoas não envolvidas com a área, que ao possuírem um terreno apropriado, objetivam construir uma academia como um negócio que poderia ser de qualquer outra natureza, mas que como academia de ginástica, neste mercado, grande Recife, possui valor comercial e financeiro.

A academia possui um olhar ampliado sobre a funcionalidade dos serviços oferecidos, ao destacarem que possuem foco na qualidade de vida dos alunos e alunas (wellness) e não

somente nos apelos estéticos (fitness)¹. Ao destacar a “qualidade de vida” como foco da academia, compreendemos que a AC4 está considerando isto como o conjunto de contribuições que podem desempenhar um papel positivo nas esferas sociais, físicas e psico-emocionais dos seus/suas clientes.

O principal objetivo da AC4 volta-se para a qualidade do atendimento do público e o bem-estar. Por isto, apresenta-se como um espaço que valoriza questões como o estado de satisfação plena das exigências do corpo e/ou do espírito e/ou a sensação de segurança, conforto, tranquilidade, promovidas a partir dos serviços que a academia se propõe a oferecer.

Após o explanado, os seguintes sentidos podem sintetizar as configurações das academias de ginástica desta pesquisa, as quais caracterizam-se como de médio e grande porte na cidade de Recife-PE, e possuem atividades de dança diferenciadas daquelas que instrumentalizam-na como ginástica: 1. Há uma busca pela quebra de “paradigmas” instituídas por academias das décadas anteriores; 2. Esta quebra de paradigmas se associa ao sentido de reconhecimento do ser humano como integral, ou seja, uma concepção de humano composto por dimensões físicas, psíquicas e sociais; 3. O surgimento ou processo das academias se desenvolve a partir do atendimento à demanda da clientela ou das necessidades colocadas socialmente; 4. Há um investimento focado na diversificação dos serviços oferecidos; 5. Cada vez mais se incorporam diversas práticas corporais em seu espaço; 6. Os sentidos anteriores relacionam-se com a perspectiva de posicionamento no mercado e na produção de um negócio que possa gerar lucros.

Estas interpretações coadunam com a perspectiva trazida por Furtado⁵ quando se propõe a compreender o desenvolvimento das academias de ginástica tendo como base em três estágios. O primeiro, que pode ser observado desde a década de 1940 e se expande até a década de 1970, momento em que ainda não predominava o entendimento de que ela se constituía num produto de consumo com fins lucrativos e por isso, a administração empírica, amadora ou do senso comum preponderava. A segunda etapa se caracteriza como o período de transição que subdivide o interesse pelo fomento das academias de ginástica entre os profissionais de educação física e os profissionais específicos da área gestão, interessados em transformar as

¹ O Fitness é um estilo de vida que caracteriza-se pela ênfase no condicionamento físico do indivíduo, com objetivos puramente estéticos, representados pelo modelo de aptidão física. Em outras palavras, o foco do fitness é adquirir competências pensando no desempenho físico através de capacidades como a força e a resistência, por exemplo. Por sua vez, o Wellness sugere uma integração de todos os aspectos da saúde e aptidão, com foco no bem-estar (físico, mental, espiritual, social e emocional). Embora o conceito de fitness esteja dentro do modelo wellness adotado pelas academias, este formato, que apresenta-se expressivamente na última década, tende a preocupar-se com aspectos como o ambiente em que se vive, a interação social e a harmonia inserida no cotidiano⁵.

academias num produto mercadológico de sucesso. E, a terceira e atual etapa, que é caracterizada pela racionalização nas academias, com ênfase para as academias de grande porte, denominadas por Furtado⁵ como academias híbridas:

A partir do momento em que as academias de ginástica passam a ser administradas como um negócio que envolve capital elevado e necessita de retorno economicamente viável, o movimento é um só: o de incorporação de técnicas e teorias administrativas que vão configurar a gestão e a organização do trabalho neste espaço de forma racionalizada. [...] As academias caracterizadas neste terceiro estágio, as mais avançadas em seu desenvolvimento, denomino de **academias híbridas** (p.5, destaque nosso)⁵.

Estas etapas sintetizam os desdobramentos ocorridos nas academias de ginástica, os quais apontam para a ampliação da visibilidade social e comercial das mesmas, aumentando consideravelmente a quantidade destes espaços. O hibridismo presente nas suas atuais formas de organização deriva-se de aspectos diversos, com destaque para o avanço tecnológico dos instrumentos de produção e gestão, das múltiplas teorias administrativas, de marketing, contábeis e financeiras envolvidas e implementadas, favorecendo um processo de racionalização destes ambientes, e como visto, muitas vezes com o capital de pessoas que não são profissionais da área de Educação Física¹⁶.

Para Furtado¹⁶, nas academias híbridas todas as atitudes tomadas são influenciadas pela necessidade de suprir as carências e atender às necessidades dos alunos/alunas/clientes, uma eterna busca pela compreensão das características destas pessoas, baseados na ideia de que a sociedade produz urgências, pessoalidades e subjetividades a serem atendidas. Este movimento influi diretamente na tentativa de diversificação do serviço oferecido pelas academias, com foco na acumulação de capital e superação do mercado concorrente. Nesse sentido, o autor conclui que “a cultura corporal está mercadificada nas academias de ginástica”¹⁶ (p. 127), onde as aulas viram espetáculos, assim como todo o ambiente, no que diz respeito à iluminação, decoração, equipamentos, sonorização e estrutura que é personalizada para ser convidativa.

Nesta lógica, este mercado cresce em demasia e vem inserindo num mesmo local, espaços, atividades, aulas e conteúdos cada vez mais plurais¹⁶. Logo, um dos principais desafios das academias é “superar a alta rotatividade no consumo das práticas corporais”, consequência da competitividade mercadológica vigente¹⁷ (p.252). Nesse ambiente configurou-se então como o *locus* dessa investigação sobre os sentidos e significados produzidos para/na/com a inserção e a permanências das aulas de danças nessas academias híbridas. E qual não foram as surpresas?

Motivos de inserção e permanência da dança nas academias

Capinussu⁶ explica que as academias que surgem e se estruturam com o objetivo de serem uma escola própria para o ensino da dança é uma realidade antiga e compunha o quadro

de academias existentes no início de suas configurações (anos 1930-1940), como as que se voltavam para o ensino da natação e das lutas⁶. Após diversas transformações nos espaços das academias, atualmente compreendidas como híbridas, dançar passou a ser mais uma prática em seu ambiente, embora, costumeiramente inserida sob a perspectiva da ginástica com foco ora no condicionamento físico e estética corporal, ora como uma atividade de lazer, com base nas danças e músicas midiáticas, sem que houvesse outras intenções a não ser a repetição de gestos e coreografias pré-determinadas.

Este entendimento de “dança-ginástica” nas academias (fit dance, ballet fit, zumba, ritmos, etc.) também foi descrito pelos coordenadores e coordenadoras como sendo uma das formas como a dança se apresentava nestes espaços, porém, observar que essas academias de ginástica vinham incorporando aulas de dança (ballet, o jazz e a dança do ventre), costumeiramente existentes em escolas próprias para o seu ensino, trouxe à tona uma realidade que confrontava as configurações em que o ensino e a prática da dança se apresentava nos anos anteriores⁶. Nisto, quais seriam os motivos para a inserção destas práticas corporais nos espaços das academias de ginástica?

Identificamos que em todas as academias estudadas, de alguma forma, as aulas de dança se inserem nos espaços por iniciativa dos professores, pois as aulas são sugeridas em algum momento como um teste/experimentação e permanecem mediante solicitação e necessidades expostas pelos alunos e alunas.

No primeiro caso (AC1- Ballet e Jazz), a professora foi indicada por outra professora da academia. No processo para a inserção da dança na academia foi sugerido realizar uma aula experimental. O mesmo aconteceu com a AC3 (Dança esportiva), e observou-se que a permanência das aulas de dança estabeleceu-se pela solicitação dos alunos e alunas que se identificaram com a atividade proposta. Segundo a visão de alguns professores e professoras, os alunos e alunas que se mantêm e solicitam a permanência das aulas no quadro geral diferenciam-se dos demais por características variadas, desde a idade, algum tipo de experiência anterior com a dança, até aos motivos e objetivos que os levam a matricular-se nas academias.

Em outro caso (AC4 – Dança de salão), as aulas de dança de salão inseriram-se a partir do fim das atividades em outra academia existente no mesmo bairro, sendo assim, a professora procurou o espaço para propor que as alunas e as aulas fossem transferidas para a AC4, que acatou a sugestão e “comprou a ideia” da dança de salão como mais uma opção de aulas. Realizamos estas primeiras interpretações em narrativas como as que destacamos a seguir:

“Com o ballet e o Jazz... ela (a professora) que chegou até a gente e despertou a necessidade para que a gente desse encaminhamento. Foi

mais uma ideia da professora mesmo de querer instalar dentro do nosso espaço. A gente fez o teste e a turma gostou e ela tá (sic) até hoje. [...] Mas elas vieram pra atender uma necessidade de especificidade mesmo. Então a gente tinha a zumba, dança e ritmos, e a gente viu que dava pra investir numa modalidade que fosse mais específica, que trouxesse pessoas que gostassem dela realmente.” (C1)

“A dança esportiva ficou na academia por pedido dos alunos, porque tivemos uma aula experimental e os alunos gostaram muito e pediram para que a gente mantivesse as aulas, elas gostaram demais então a gente providenciou a vinda do professor” (C3)

“Aí surgiu que uma academia próxima a nossa ia fechar e lá tinha dança de salão e tinha um público interessante, e a professora nos procurou com a proposta de serem transferidos os alunos dessa academia que ia fechar pra (sic) lá. E houve uma procura interessante, especialmente o pessoal mais velho, da terceira idade.” (C5)

Há uma exceção visualizada na AC2 (Dança do ventre e Ballet) por já se projetar como um clube com foco no setor de ginástica e que, portanto, valorizava a ideia de inserir em seu espaço práticas corporais diversas. No entanto, as iniciativas que a dança alcança na AC2 é composta pelo olhar que a C2 já possuía para dança, pela sua própria experiência vivida e observada em família.

“Porque sempre, ao longo desses 20 anos e mais, eu já estou em academia antes de me formar, eu via que a dança sempre foi um forte nas academias, e eu tenho uma irmã que é ex-bailarina e ela dizia sempre: “Como eu queria voltar a dançar ballet”. E a professora trouxe isso pra cá. [...] Então assim, como eu tenho essa estrutura, essa história de dança, querendo ou não, eu influenciei, por uma história de vida minha e por gostar muito de dançar e por ter a experiência de mudar a vida mesmo pelos relatos que a gente vê aqui das meninas e de adultas, principalmente, do que as danças fazem para elas.” (C2)

Mesmo que como clube, já indicasse a incorporação da dança entre as práticas da AC2 em seu espaço, as iniciativas da C2 foram determinantes para a sua expansão. As propostas acontecem intermediadas e idealizadas pelos professores de dança, que sugerem os modos de proceder com a dança, na sua relação com o espaço já existente *a priori*, conceitualmente e fisicamente, das academias. Nisto, outros tipos de dança foram se incorporando no local (como a dança do ventre) em que os professores continuaram fortalecendo e expandindo estas práticas (com turmas maiores ou mais de um horário para as aulas de dança) que foram se organizando nas academias de acordo com suas próprias experiências vividas em outros espaços de atuação em dança.

As experimentações que os professores propuseram foram, assim, deliberativas para a inserção da dança nas academias, assim como a identificação dos alunos e alunas com a

modalidade. A permanência, porém, sustenta-se pela concepção da dança, por parte das academias, como uma mercadoria, uma vez que acreditam que inseri-la em seu quadro de aulas faz com que as academias se diferenciem das demais, culminando numa visibilidade positiva para as mesmas. As narrativas dos coordenadores, mesmo que descrevam em alguns momentos os benefícios da dança direcionada para os alunos e alunas demonstrando preocupação em atender as necessidades de bem-estar (físico, social, emocional, mental) apresentadas, de alguma maneira sempre voltam-se para a sua utilização com foco na possibilidade de atrair clientes e se diferenciar para superar a alta rotatividade de público, ao associar a inserção destas aulas a uma imagem positiva, à visibilidade alcançada e/ou “vitrine” pra academia, como Furtado¹⁶ e Mascarenhas et al.¹⁷ já indicam em seus estudos.

As falas interpretadas apontam que os coordenadores projetam a dança como uma espécie de vitrine, pois acreditam que esta modalidade faz com que a academia se diferencie das demais. Acreditam que estes tipos de dança possuem singularidades, individualidades, particularidades que promovem uma visibilidade positiva para as academias. A título de exemplo, o C1 relata seu interesse por aulas que obtivessem algum tipo de progressão:

“Então a gente tinha a zumba, dança e ritmos, e a gente viu que dava para investir numa modalidade que fosse mais específica, que trouxesse pessoas que gostassem dela realmente. E não ao contrário, eu ofereço quem quiser tá (sic) aqui, uma aula eu faço, a outra não. O ballet e jazz, a gente pensou em uma aula que tenha uma progressão, quase que uma escola de dança e não como apenas a dança na academia.” (C1)

Quando diz: “quase que uma escola de dança e não como apenas a dança na academia” e “uma aula que tenha progressão” as palavras “quase” e “progressão” sugerem que o C1 projeta as aulas de dança como algo diferenciado e que podem garantir alguma fidelização por parte dos alunos e alunas. A narrativa converge para o sentido atribuído a AC1 de diferenciar-se das perspectivas convencionais das academias de ginástica num geral. Dessa forma, corrobora com os sentidos que estão na própria criação da academia, aqueles em que há uma valorização das vontades, urgências e diversas significações de si trazidas pelos alunos e alunas e da necessidade de um olhar para integralidade humana ou do atendimento às dimensões físicas, psíquicas e sociais da clientela.

Ao relatar sobre o início das aulas de ballet e jazz, o C1 utiliza palavras como “atender”, “necessidade” e “especificidade” associando-as às solicitações de permanência destas aulas por alunos e alunas. Estes termos, em sua polissemia, descrevem a atitude de iniciar com as aulas de ballet e jazz na AC1, apoiando-se na justificativa de que tê-las em seu quadro de modalidades, naquele momento, era uma necessidade, indispensável e/ou útil para atender

àqueles que se identificassem com a dança ou as danças especificamente. Já a C2 utiliza-se da palavra “vitrine” de maneira direta para explicitar o interesse da AC2 em se projetar de maneira diferenciada das demais:

“É acho que para a vitrine da academia é interessante você ter outro tipo de dança e não só aquele enquadrado (sic) que todas as academias têm e que oferece, que é o Fit dance agora e que era a zumba há um tempo, que é o ritmos que vai ter o carnaval agora e todo mundo quer dançar e saber as dancinhas do momento.” (C2)

Neste sentido, a C5 aponta que a dança agrega valor simbolicamente à marca da Academia, numa tentativa de alterar a própria visão que se tem tradicionalmente das academias de ginástica:

Tá (sic) tendo um retorno interessante, tem um número interessante de alunos e agrega valor para a academia. Não é nem tanto a questão financeira, porque não tem um número tão grande de alunos assim, mas agrega valor à academia como mais uma modalidade que a gente oferece.” (C5)

Estas interpretações, corroboram também para a composição da dança nas academias e os motivos de sua inserção, que se assentam no estabelecimento de uma proposta de diferenciação dos padrões vigentes nas academias, que se revelou sobretudo na interpretação das narrativas que se referiam a AC1 e AC2.

A ideia de que as práticas corporais precisam estabelecer um diálogo sobre o corpo para além dos arquétipos físicos estabelecidos, presentes nas academias nos anos anteriores e que ainda reverberam, é um fator que se associa aos sentidos estabelecidos para a dança como mais uma prática corporal. Esta perspectiva pode ser determinante na atuação em dança oferecida aos alunos e alunas, que passa pela incorporação da dança na vida das pessoas.

Dito isto, questionar o conceito estruturador das academias de ginástica, de tempos em tempos, sobre sua opção por aderir a diferentes práticas corporais para atender às múltiplas necessidades sociais que se apresentam, é um processo que se evidencia como uma possibilidade de construção efetivamente mais responsável, para o trabalho realizado com a dança nestes espaços.

Conclusão

O reconhecimento da dança como expressão corporal, artística, cultural e simbólica presente na área da Educação Física, enfatiza a necessidade de discussões e pesquisas frequentes sobre suas inter-relações para que se preencham cada vez mais as lacunas teóricas

existentes, sobretudo pelas aproximações com os conhecimentos sobre corpo, cultura e sociedade que a dança proporciona.

Neste sentido, a presente pesquisa se propôs a identificar os motivos que levam as academias de ginástica, através das narrativas dos profissionais de Educação Física responsáveis por setores ou pelo espaço geral das academias de ginástica, a inserirem diferentes tipos de dança, como ballet, dança de salão, dança do ventre, jazz e dança esportiva, entre as modalidades de práticas corporais oferecidas pelas academias.

A análise das narrativas evidenciou que o processo de inserção e permanência das aulas de dança nas academias estudadas apontam para cinco sentidos estabelecidos: 1. A associação entre o conceito em que se sustentam, marcado pela necessidade de se superar os tradicionalismos presentes nas configurações anteriores das academias a partir da transcendência dos aspectos puramente biologicistas, para o reconhecimento de um ser pleno e integral (entrelace entre o físico, psíquico e social); 2. A diversificação de aulas que possam estabelecer este diálogo mais amplificado com os sujeitos que compõem o espaço das academias, com relação a seus anseios e necessidades (a possibilidade de voltar a ter aulas de dança na vida adulta); 3. A predominância da iniciativa dos professores na sugestão de determinados tipos de dança (por passado relacionado à prática de dança; por indicar uma adesão mais qualitativa às aulas, pela necessidade de progressão) como possibilidade de prática em detrimento de proposições vindas das próprias academias; 4. A identificação dos alunos com as aulas propostas, culminando na solicitação para sua permanência; 5. A permanência determinada pela visualização da dança como um serviço/produto que pode agregar valor simbólico à marca da academia.

Esses achados contribuem para o preenchimento das lacunas teóricas existentes com relação a pesquisas que desenvolvam questões referentes ao entrelace da Dança com os diversos espaços e áreas de atuação da Educação Física, sobretudo diante do reconhecimento da expansão de locais que incorporam, cada vez mais, práticas corporais como possibilidade de atividade em seus espaços.

Diante disto, acreditamos que uma compreensão ampliada dos modos de se fazer e pensar a dança precisa se propagar através de estudos que busquem analisar em profundidade estes diferentes contextos. A presente pesquisa pode apresentar limites teóricos e metodológicos, logo, diferentes instrumentos de pesquisa, outras discussões e objetos devem ser formulados para que novas investigações sejam desenvolvidas.

Todavia, estamos convictos de que considerar a dança, que é expressão sociocultural de

povos, num produto excessivamente mercadológico pode reduzir e comprometer o caráter humano da experiência de dançar. Ela não pode ser apenas um produto de consumo reduzida às experiências de uma estética autoerótica, ela é, sobretudo, manifestação de liberdade e criatividade humana, que nos permite o encontro com o outro. Nesse sentido, cabe a pergunta: em que medida é possível no cenário da academia fazer atividade física por meio da dança preservando seu caráter humano de liberdade e criatividade?

Referências

1. Brasil. Diesporte - Diagnóstico Nacional do Esporte. Brasília (DF): Ministério do Esporte. Governo Federal, Caderno I. 2015; Disponível em <http://www.esporte.gov.br/diesporte/7.php> [2020 jun 20].
2. Maroun K, Vieira V. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte. 2008; v. 14: p. 171-186.
3. Nóbrega TP. Agenciamentos do corpo na sociedade contemporânea: uma abordagem estética do conhecimento da Educação Física. *Motrivivência*, Florianópolis, 2001; n. 16.
4. ACAD Brasil (Associação Brasileira de Academias). O mercado. [revista online]. 2014; Disponível em <https://www.acadbrasil.com.br/revistas-online/> [2020 jun 20].
5. Furtado RP. Do fitness ao wellnes: os três estágios de desenvolvimento das academias de ginástica. *Pensar a prática*, Goiânia. 2009; v.12: p.1-11.
6. Capinussú JM. Academias de ginástica e condicionamento físico: origens. In: DA COSTA, L (Org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF; 2006.
7. Brasileiro LT, Souza TK, Fragozo ARF. Produção de conhecimento sobre dança e educação física no Brasil: analisando dissertações e teses. In: *Anais do XIX congresso Brasileiro de ciências do esporte – COMBRACE. VI Congresso internacional de ciências do esporte – CONICE*, Vitória (ES). 2015.
8. Muglia-Rodrigues B, Correia W. Produção acadêmica sobre dança nos periódicos nacionais de Educação Física. *Rev Bras Ed Fis e Esporte*, São Paulo. 2013: p. 91-99.
9. Bourcier P. *História da dança no Ocidente*. 2. ed. Appenzeller M, tradutor. São Paulo: Martins Fontes; 2001.
10. Guzzo MSL, Federice CAG, Roble, OJ, Terra, VDS. Dança é política para a cultura corporal. *Pensar a prática*, Goiânia. 2015; v. 18: p. 212-222
11. Medina J, Ruiz M, Almeida DBL, Yamagushi A, Junior WM. As representações da dança: Uma análise sociológica. *Movimento*, Porto Alegre. 2008; v.14: p. 99-113.

- 12.Saraiva MC. O sentido da dança: arte, símbolo, experiência vivida e representação. Movimento, Porto Alegre. 2005; v. 11: p. 219-242.
- 13.Merleau-Ponty M. Fenomenologia da percepção. 4. ed. Moura CAR, tradutor. São Paulo: Martins Fontes; 2011.
- 14.Bicudo MAV, organizador. Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica. São Paulo: Cortez; 2011.
- 15.Bicudo MAV. Fenomenologia: confrontos e avanços. Campo grande (MS): Cortez; 2000.
- 16.Furtado RP. O não-lugar do professor de Educação Física em academias de ginástica. [Dissertação de Mestrado]. Goiânia: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás; 2007.
- 17.Mascarenhas F, Vieira CA, Marques TMA, Borges PJA, Silva BO, Santos WB. Acumulação flexível, técnicas de inovação e grande indústria do fitness: o caso Curves Brasil. Pensar a Prática; 2007. v. 10: p. 237-259.
- 18.Azevedo AMP. Compulsão pelo corpo musculoso e estetização da saúde: um estudo sobre dismorfia muscular. [Dissertação de Mestrado]. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba; 2011.